

# PODERES ESPECIAIS DA “VELHINHA” E DA “MENINA DA NOITE”: O CASO DA APROPRIAÇÃO DO ROMANCE POLICIAL PELAS MINORIAS

*Ricardo Augusto Gonçalves*

*Orientadora: Carla de Figueiredo Portilho*

*Mestrando*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir e comparar a representação de Miss Marple, a detetive solteirona (“spinster detective”) de Agatha Christie, com a representação de Blanche White, a faxineira-detetive negra de Barbara Neely. Desde a sua origem, e até a chamada “Era de Ouro”, na primeira metade do século XX, o romance policial não era visto como um espaço de grandes reflexões políticas, por atender a demandas essencialmente burguesas, trazendo aos leitores o conforto de uma sociedade que punia os malfeitores para manter seu *status quo*, de acordo com a estrutura da consolação de Umberto Eco. Em 1930, Agatha Christie traz a público uma detetive mulher, idosa e “solteirona” (Miss Marple) de modo a discutir questões mais profundas que o mistério em si; entretanto, o gênero como um todo carecia da representatividade das minorias. Em 1992, Barbara Neely, em seu romance *Blanche on the Lam*, leva a discussão a níveis mais profundos ao apresentar ao leitor a “*signifying detective*” (*signifying*, aqui, entende-se como o conceito discutido por Henry Louis Gates Jr) uma detetive que utiliza táticas a partir de sua condição de mulher, negra, pobre e trabalhadora para desvendar os mistérios. Tática, segundo Michel De Certeau, seria a apropriação pelo fraco de forças que lhe são estranhas para subverter sua posição desprivilegiada, como por exemplo, através do uso do *black vernacular* no romance de Neely. Assim, o enigma, elemento essencial do romance policial clássico, é relegado a segundo plano e a discussão das questões sociais, das relações de poder e, principalmente, da invisibilidade das minorias étnicas, sociais e políticas se tornam tão importantes quanto. Este trabalho procura aprofundar essa temática sobre a “*signifying detective*” comparando-a com o detetive clássico e com a “*spinster detective*”.

PALAVRAS-CHAVE: romance policial, *signifying detective*, *spinster detective*, invisibilidade.

O presente artigo procura aprofundar a temática sobre a “*signifying detective*” comparando-a com o detetive clássico e com a “*spinster detective*”, ou seja, comparar Sherlock Holmes e Miss Marple com a detetive Blanche White, protagonistas, respectivamente, de: “Seu último caso”, *4.50 from Paddigton* e *Blanche on the Lam*. Dos seus diferentes lugares de fala, eles resolvem mistérios utilizando estratégias e táticas. (CERTEAU, 2005). Cabe ressaltar ainda a importância do disfarce nos três romances de enigma, elemento essencial do romance policial clássico, que é relegado a segundo plano para que a discussão das questões sociais, das relações de poder e, principalmente, da invisibilidade das minorias étnicas, sociais e políticas se tornassem tão importantes quanto o mistério em si.

Sherlock Holmes, em “Seu último caso”, interrompe a aposentadoria, a pedido do Primeiro-Ministro, para investigar o roubo de segredos militares ingleses. Por meio do disfarce de Altamont, um irlandês-americano, Holmes infiltra-se na organização, coleta as informações necessárias e prende Von Bork, o alemão responsável pelos crimes, e seus comparsas. Nota-se que o detetive se utiliza de algumas estratégias, aqui na acepção de Certeau como “o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente”: o disfarce e a infiltração, entretanto, para que elas deem certo é preciso que Sherlock entre no personagem. Logo, ele se vê obrigado a falar com sotaque americano e a, realmente, virar um criminoso em Chicago com o intuito de chamar a atenção da organização criminosa para poder se infiltrar. A estratégia do disfarce é utilizada numerosas vezes nas histórias de Sherlock, “o sr Altamont de Chicago na verdade não existe. Usei-o, e ele já não mais existe.” (DOYLE, 2002, p. 301), ou seja, é apenas um dos muitos recursos dele. O conto de Sherlock Holmes segue a estrutura do romance policial clássico que, em linhas gerais, são duas histórias: uma do crime e a outra da investigação.

Nesse último caso de Holmes, a crença de que o detetive, metáfora da racionalidade do século XIX (GILBERT, 1967), e a razão solucionarão todos os problemas já está ultrapassada por conta da sombra da guerra. A melancolia e o desencanto de Sherlock Holmes traduzem-se na reflexão: “De qualquer forma vem vindo um vento do leste, como nunca antes varreu a Inglaterra. Será frio e amargo, Watson, e muitos de nós poderão ser fulminados por sua rajada” (DOYLE, 2002, p. 303). Embora, em sua essência, a literatura de massa ou popular, em especial, as histórias de detetive sejam textos de prazer (BARTHES, 2013), as

palavras citadas do detetive carregam uma mensagem inquietante que reflete o mundo do detetive, contudo uma mensagem passiva que não tem a intenção de questionar sua realidade ou propor mudanças. Ainda se insere num pensamento positivista e, de acordo com a estrutura da consolação de Umberto Eco, a prisão do inimigo e a punição desse não mudaria as estruturas daquela sociedade:

A tranquilidade que, no romance de grande difusão, toma a forma de consolação pela reiteração do esperado, reveste, na formulação ideológica, o aspecto da forma que muda alguma coisa a fim de que tudo permaneça imutável: isto é, a forma da ordem que desce da unidade na repetição, da estabilidade dos significados (ECO, 2015, p. 202-203).

Na chamada “Era de Ouro” do romance policial, que abrange aproximadamente as décadas de 1920 até 1940, o período entreguerras, Agatha Christie atinge enorme sucesso com os seus romances de detetive. Tanto sucesso é explicado pela popularidade de Hercule Poirot, o famoso detetive belga, contudo ele não era o único detetive dos romances de Christie. Miss Jane Marple, uma senhora idosa e “solteirona” também solucionava mistérios. Ela representa a figura da *spinster detective*. As *spinsters* se popularizaram, pois, houve um aumento da população feminina em relação a masculina no período mencionado anteriormente. A população masculina diminuiu por causa das baixas da Primeira Grande Guerra. Então, muitas mulheres ficaram “solteironas”. Paulatinamente, elas ganharam mais independência e mais liberdade e puderam ter acesso a um rol maior de profissões por causa das necessidades do período de reconstrução.

Em *4.50 from Paddington*, Mrs. Elspeth McGillicuddy, uma amiga de Miss Marple, é testemunha ocular de um crime quando voltava das compras de Natal. Ela testemunhou um assassinato: um homem enforcou uma mulher no trem que passou próximo ao dela. Embora tenha relatado ao fiscal do trem o que havia visto, o fiscal não acreditou no relato. Depois do desembarque, ela pegou um táxi para o povoado de St. Mary Mead, onde encontra a sua amiga. Após conversa sobre as “fofocas” do povoado e jardins, Elspeth conta a detetive o que presenciou. Apesar da mente aguçada, Jane Marple reconhece as suas limitações físicas (da idade) para conduzir as investigações, mas diferente do fiscal do trem e, posteriormente, da polícia, ela em nenhum momento duvida da veracidade do relato da amiga. A Mrs. McGillicuddy, provavelmente, não é levada a sério por ser mulher e por ter certa idade. Ela e Jane falam de uma posição desprivilegiada.

Para que a investigação aconteça, é preciso que haja uma ocorrência de desaparecimento de alguém ou que achem um corpo. Marple, então, consulta os seus contatos na polícia; arruma mapas e, com o objetivo de fazer o trabalho de campo, ela contrata Lucy Eyelesbarrow, uma governanta para se infiltrar numa casa próxima ao lugar onde, supostamente, o corpo foi atirado. Através de uma viagem de trem e dos mapas, Miss Marple chega a essa conclusão. Michel De Certeau diz que “o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas” (CERTEAU, 2005, p.47), a detetive e sua ajudante tiram proveito dessas forças por meio de práticas cotidianas. Lucy, infiltrada como governanta, está numa posição favorável para coletar provas para que a detetive resolva o mistério, porque “o empregado tem acesso às casas e a vida privada dos patrões”. (BRIGHTWELL, 2005) Muitas pistas são conseguidas por meio das conversas na cozinha, das conversas dos patrões entreouvidas por Lucy, de arrumações na casa e dos “chás da tarde” dos outros personagens com Miss Marple. De certa forma, Lucy e Jane Marple são invisíveis. Quem se preocuparia com uma empregada e com uma “velhinha” amável? No livro *A Arte da Guerra*, Sun Tzu define que “O comandante habilidoso deve lançar mão da arte da sutileza e do sigilo, aprender a ser invisível e inaudível. (TZU, 2007, p.66). Exatamente na arte da sutileza que o detetive e sua ajudante agem em *4.50 from Paddington*.

O romance possui certa semelhança com o *O Cão dos Baskervilles* de Doyle: a presença de um personagem infiltrado, Lucy, no primeiro, Watson, no segundo, além do detetive observador de um ponto afastado da ação. Os dois detetives, Holmes e Marple, não participam de modo tão ativo da ação, com exceção, do desenlace final. Alguns pontos chamam a atenção: o descrédito que as autoridades dão a testemunha ocular do crime, provavelmente, pelo fato dela ser mulher; a *spinster* por meio da sua agente infiltrada consegue informações sobre o dia-a-dia da família que é implicada no crime, informações privilegiadas que ela consegue graças a sua invisibilidade, sutileza e sigilo e, por mais que a figura da *spinster detective* seja algo inovador num mundo dominado por homens e discuta outras questões além do enigma, *4.50 from Paddington* ainda segue a estrutura da consolação presente em “Seu último caso” e *O Cão dos Baskervilles* (ECO, 2015).

Blanche White, protagonista de *Blanche on the Lam*, é de certo a mais “marginal” dos detetives aqui mencionados, por ser mulher, negra, pobre e trabalhadora. O romance se inicia num tribunal onde Blanche se defende da acusação de passar cheques sem fundo. O juiz

não presta a devida atenção na defesa da empregada doméstica que simplesmente não teve dinheiro para cobrir os cheques, pois, seus patrões saíram da cidade e não a pagaram. Em outras palavras, apesar de inocente, por ser negra e pobre, o juiz a julga como culpada e nem sequer ouve suas ponderações sobre o dinheiro que devia. No prólogo de *Invisible Man*, Ralph Ellison resume a questão da invisibilidade: “Eu sou invisível, entenda, simplesmente porque as pessoas se negam a me ver.” (ELLISON, 1995, tradução livre) e é o que acontece com a protagonista do romance, o juiz se nega a ver Blanche.

A empregada doméstica, desesperada e nervosa, decide então fugir do tribunal para não ter que cumprir a pena de trinta dias de cadeia. Na fuga, ela não pode correr, porque, aos olhos de boa parte da população, uma negra correndo na rua é um sinal de que ela é uma criminosa fugindo da polícia. Em alguns contextos como o da fuga, a invisibilidade do negro não funciona, em vez disso, ele fica hipervisível para a sociedade. A agência de domésticas de Blanche a enviou para uma família rica e ela não apareceu. Após a fuga do tribunal, opta por assumir esse posto de trabalho antes que a agência mandasse uma substituta para o lugar dela. Blanche White se passa pela substituta. A protagonista representa a figura do *trickster*, que é o enganador, o trapaceiro, o escorregadio. O *trickster* é um personagem que tem capacidade de se adaptar as situações como Blanche. A ambiguidade do *trickster* faz com que ele transite num caminho do meio: ele não é bom, ele não é mau. Ele utiliza artimanhas e brincadeiras, ele engana, ele mente, contudo, atinge o seu objetivo principal que é a sobrevivência. (TOLSON, 2005)

Em busca de uma teoria que explicasse a literatura afroamericana, Henry Louis Gates Jr, em seu *The Signifying Monkey*, afirma que:

A repetição e a revisão são fundamentais para as formas artísticas negras, da pintura à escultura, da música ao uso da língua. Decidi analisar a estrutura e a função do *signifying* precisamente porque se trata de repetição com uma diferença (GATES JR, apud PORTILHO, 2008).

A repetição com diferença e a revisão permeia o romance de Neely. Cabe uma menção ao tradicional *novel of passing*, elemento da tradição literária afroamericana, um romance em que um personagem negro se passa por branco. Em *Blanche on the Lam*, Blanche é uma negra que se passa pela doméstica negra que substituiria ela. A fuga de Blanche e a incessante busca pela liberdade têm semelhanças com a *slave narrative*, narrativas focadas na vida dos escravos como cativos e as possibilidades deles diante dessa situação de escravidão.

Os problemas de Blanche White não acabam com a fuga, pois o lugar para onde ela vai também é um ambiente hostil. O tratamento que ela recebe de Grace, sua patroa, não é muito diferente do juiz. A diferença é que o ambiente doméstico é o lugar em que Blanche melhor utiliza as suas táticas de *trickster*. As táticas que ela utiliza são parecidas com as de Lucy: “esfregar, arrumar, xeretar”, bisbilhotar e entreouvir (PORTILHO, 2008). Entretanto, diferente de Lucy, Blanche é duas vezes mais invisível porque é negra e pobre, enquanto a assistente de Marple tem boa condição financeira e é branca. Outra tática importante, principalmente nas conversas de Blanche com a polícia e com os outros personagens da família que ela trabalha, é se fazer de desentendida. Sobre isso, no livro *A Arte da Guerra*, Sun Tzu explica que:

Há momentos em que a maior sabedoria é parecer não saber nada. Por isso, quando capaz, finja então ser incapaz; quando pronto, finja grande desespero; quando perto, finja estar longe; quando longe, façam acreditar que está próximo (TZU, 2007, p.29).

Acontecem três assassinatos no romance: Emmeline (a tia de Grace), Nate (o jardineiro) e o xerife. O maior medo de Blanche é, novamente, ir para a cadeia, pois, provavelmente, ela seria a primeira suspeita. No final, ela descobre a assassina Grace que queria a herança de Mumsfield, primo dela a partir de suas investigações. Ao contrário de Holmes e Marple, que são brancos, Blanche desconfia da polícia e da justiça e resolve ela própria aplicar a sua justiça e deixar as autoridades de fora. A atitude de Blanche é esperada, a justiça não é para todos, ela reflete sobre os negros inocentes que são presos por serem negros. A culpa sobra, geralmente, para o lado de menos poder.

Perguntada se, quando ela escreveu o seu primeiro romance policial, ela conscientemente quis trazer a questão do empoderamento para pessoas de cor, Barbara Neely respondeu que “o gênero parecia um lugar muito bom para falar sobre coisas sérias. A melhor maneira de falar de coisas sérias é falar delas de um jeito descomprometido, porque as pessoas não são ameaçadas por isso.” (tradução livre). Barbara relata que uma leitora comentou que ela não lia nada que discutisse sobre raça ou classe, mas captou as mensagens através do livro de Neely.

Sobre isso, Barthes, em seu livro *O prazer do texto*, diferencia o texto de prazer do texto de fruição:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2013, p.21-22).

No caso do romance policial, em sua essência, consiste num texto de prazer, mas, apesar de ser uma literatura descompromissada, o autor pode colocar reflexões e provocar o desconforto do texto de fruição sem que o texto perca o prazer. É exatamente essa “tática” usada pelos escritores das minorias. Como disse Barbara Neely na entrevista citada anteriormente, a escolha do romance policial foi acertada, porque as pessoas se divertem com esse tipo de romance, sem deixar de prestar atenção e se identificar com as situações vividas por Blanche, situações que discutem questões sociais, de etnia e de gênero. Talvez ela não causasse o mesmo impacto se escolhesse outro gênero narrativo diferente do romance policial. Carla Portilho afirma que “a literatura policial das minorias étnicas costuma contemplar uma questão social que inexistente na literatura policial tradicional” (PORTILHO, 2009)

Ao contrário de Sherlock Holmes, Miss Marple e Blanche White não precisam de disfarces, “o disfarce é construído pelos estereótipos raciais, de gênero e de classe que circundam elas” (HATHAWAY, 2005). As detetives, a “velhinha” e a “Menina da Noite”, mulheres, a primeira idosa e solteirona, a segunda negra, pobre e trabalhadora se utilizam de suas limitações e fraquezas dentro da sociedade para resolver mistérios, esses são os seus poderes especiais.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRIGHTWELL, Gerry. The Case of the Household Spy: Public Service and Domestic Service in Hayward's “The Mysterious Countess”. *Clues*; Spring 2005; 23, 3; ProQuest Direct Complete.p. 63.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1.Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. 1ª. ed. bras. 1994.



CHRISTIE, Agatha. *4.50 from Paddington*. Edição Kindle.

DOYLE, Arthur Conan. *Sherlock Holmes: Obra Completa, volume III*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ELLISON, Ralph. *The Invisible Man*. Edição Kindle.

EVANS, Christine Ann. On the valuation of detective fiction: A study in the ethics of consolation. *Journal of Popular Culture*, 28:2 (1994:Fall) p.159.

GATES JR, Henry Louis. *The Signifying Monkey: A Theory of African American Literary Criticism*. Edição Kindle.

GILBERT, Elliot L. The detective as metaphor in the nineteenth century. *Journal of Popular Culture*, v.1, n.3 (1967). p.256-262.

HATHAWAY, Rosemary V. The Signifyin(g) Detective: Barbara Neely's *Blanche White, Undercover in Plain Sight*. *Critique*, v.46, n.4 (2005). p.320-332.

HERBERT, Rosemary. "An Interview with Barbara Neely". Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27559921>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

LIEBER, Todd M. "Ralph Ellison and the Metaphor of Invisibility in Black Literary Tradition." Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2711916>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

NEELY, Barbara. *Blanche on the Lam*. Edição Kindle.

PORTILHO, Carla de Figueiredo. "Esfregar, Arrumar, Xeretar: Rumos da Ficção Policial no romance *Blanche on the Lam*." In: *Outras Literaturas Anglófonas: (des)crevendo império*. Eloína Prati dos Santos e Sonia Torres (orgs.). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. "DETETIVES EX-CÊNTRICOS: um estudo do romance policial produzido nas margens". Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2009.

STOWE, William W. *Critical Investigations: Convention and Ideology in Detective Fiction*, *Texas Studies in Literature and Language*, 31:4 (1989:Winter) p.570.

TOLSON, Nancy D. "The butler didn't do it, so now they're blaming the maid: defining a black feminist trickster through the novels of Barbara Neely". Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3190354>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

TZU, Sun. *A Arte da Guerra: Os treze capítulos originais*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.